

A RELAÇÃO SEMÂNTICA LEXICAL-SINTAXE NA GRAMÁTICA GENERATIVA: UM BREVE BALANÇO A PROPÓSITO DA NATUREZA ASPECTUAL E DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DE ALGUNS TIPOS DE VERBOS¹

«Pour qu'un objet soit accessible à l'analyse, il ne suffit pas de l'apercevoir. Il faut encore qu'une théorie soit prête à l'accueillir. Dans l'échange entre la théorie et l'expérience, c'est toujours la première qui engage le dialogue.»

(Jacob, P.)²

«Philosophiquement, toute frontière absolue proposée à la science est la marque d'un problème mal posé. Il est impossible de penser richement une impossibilité. Dès qu'une frontière épistémologique paraît nette, c'est qu'elle s'arrogue le droit de trancher à propos des intuitions premières. Or les intuitions premières sont toujours des intuitions à rectifier. Quand une méthode de recherche scientifique perd sa fécondité, c'est que le point de départ est trop intuitif, trop schématique; c'est que la base de l'organisation est trop étroite. Le devoir de la philosophie scientifique semble alors très net. Il faut ronger de toutes parts les limitations initiales, réformer la connaissance non scientifique qui entrave toujours la connaissance scientifique.»

(Bachelard, G.)³

Um dos temas actuais em várias teorias no quadro da Gramática Generativa é a relação entre tipos aspectuais de verbos e a estrutura argumen-

¹ Este texto é o resultado do desenvolvimento do curso de dez horas intitulado «Estrutura lexical: a relação entre o Léxico e a Sintaxe na Teoria da Regência e da Ligação» que leccionei na Universidade de Salvador, Baía, integrado no I Congresso da ABRALIN, de 11 a 16 de Setembro de 1994. O carácter pedagógico do texto inicial foi expressamente mantido. Ao resolver fazer dele um artigo para publicação, pensei sobretudo em estudantes de mestrado. Como ficará claro, o intuito deste texto é, além de fazer um balanço possível e de suscitar uma reflexão epistemológica sobre o assunto em discussão, levar o leitor ao aprofundamento das perspectivas teóricas aqui referidas.

² JACOB, P. – *La logique du vivant*, Paris, Gallimard, 1970, p. 24.

³ BACHELARD, G. – *Épistémologie, Textes choisis*, Paris, P.U.F., 1974, p. 19.

tal. À primeira vista, este facto pode suscitar alguma perplexidade, uma vez que em décadas passadas o tratamento do aspecto e da *aktionsart* era tema exclusivo da filosofia da linguagem e das teorias semânticas, mas estava ausente dos estudos sintácticos. Como foi possível esta mudança?

O objectivo deste texto é tentar compreender as razões que levaram a que o estudo do aspecto e da estrutura argumental se tenha tornado uma questão na Gramática Gerativa, isto é, perceber como e quando o problema do aspecto pôde ser pensado no quadro deste programa de investigação.⁴ Simultaneamente, procurar-se-á apresentar algumas perspectivas recentes em Semântica Lexical, que, apesar da sua diversidade, têm em comum o estarem interessadas em compreender o modo com a Semântica Lexical se interliga com a Sintaxe.

1. A relação entre Léxico e Sintaxe na Gramática Gerativa

1.1. A autonomia da Sintaxe (Chomsky 1957 e 1965)⁵

Na sua obra *Syntactic Structures* de 1957, Chomsky inicia um programa de investigação caracterizado pela procura de modelos de gramá-

⁴ Por esta razão, este trabalho não é um estudo sobre aspecto e não se pretende dar conta de maneira exaustiva da bibliografia mais actualizada sobre esta questão.

⁵ Como se compreende, é extensíssima a bibliografia sobre estes modelos. Além de CHOMSKY, N. – *Syntactic Structures*, The Hague, Mouton, 1957 e CHOMSKY, N. – *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1965, leia-se a *Introdução* à tradução portuguesa deste último livro, de E. Paiva Raposo e J. A. Meireles, Amado Ed., Coimbra, pp. 9-77; MACLAY, H. – *Overview*, in STEINBERG, D.; L. JAKOBOVITS (orgs.) – *Semantics. An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1ª ed., 1971, pp. 157-182; os Caps. 1, 9 e 10 de RAPOSO, E. P. – *Teoria da Gramática. A Faculdade de Linguagem*, Lisboa, Caminho, 1992.

Sobre a relação Léxico-Sintaxe na Gramática Gerativa leia-se: ANDREW, A. D. – *Lexical Structure*, in NEWMAYER, F. (org.) – *Linguistics: The Cambridge Survey, I, Linguistics Theory: Foundations*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988, pp. 60-88; STOWELL, T. – *The role of the Lexicon in Syntactic Theory*, in STOWELL, T.; E. WEHRLI

tica concebidos como sistemas de regras capazes de gerar (no sentido de explicitar, de produzir) descrições estruturais das frases de uma língua. Nessa obra, propõe-se que uma gramática deve conter uma componente central – a Sintaxe – não existindo qualquer componente relacionada com a estrutura lexical. A Sintaxe contém um conjunto de regras sintagmáticas, que engendram para as frases de uma língua representações estruturais, geralmente designadas indicadores sintagmáticos. Considera-se que nas regras sintagmáticas não há distinção entre as que introduzem símbolos não terminais (por exemplo as categorias N, V, etc.) e as que introduzem símbolos terminais, os itens lexicais, as palavras:

- (1) (a) N → homem, bola
(b) V → lançar, deitar

Os itens lexicais são introduzidos sob os símbolos auxiliares se são da mesma categoria sintagmática. Por isso, a gramaticalidade ou boa formação das frases geradas por um tal sistema é simplesmente boa formação sintáctica, podendo tais frases ser anómalas semanticamente. É disso exemplo a célebre frase:

- (2) Colourless green ideas sleep furiously

considerada bem formada do ponto de vista da Sintaxe.

O sistema dispunha ainda de um outro tipo de regras, as regras transformacionais, capazes de produzir frases a partir de outras frases consideradas nucleares e que formalmente podiam mover, substituir, suprimir e inserir constituintes. As estruturas de superfície estão, por sua vez, articuladas com a estrutura morfofonémica da Gramática.

As fraquezas deste sistema são muitas, sendo uma das mais graves, no que diz respeito ao assunto aqui em discussão, a não existência de quaisquer princípios que regulem as restrições contextuais; por outro lado, a gramática é vista como totalmente independente do significado.

(orgs.) – *Syntax and Semantics. Syntax and the Lexicon*, Nova Iorque, Academic Press, vol. 26, 1992, pp. 9-26; DEMONTE, V. – *Teoría Sintáctica: de las estructuras a la Rección*, Madrid, Ed. Síntesis, 1989, pp. 89-102; OUHALLA, J. – *Transformational Grammar. From rules to principles and parameters*, Londres, E. Arnold, 1994, cap. 5; HAEGEMAN, L. – *Introduction to Government & Binding Theory*, Oxford, Blackwell, 2ª ed., 1994, cap. 1..

Por isso, Chomsky introduz em 1965 uma teoria das dependências contextuais. O modelo de gramática mantém a centralidade da Sintaxe. Introduzem-se dois tipos de regras sintagmáticas: as regras independentes do contexto e as regras lexicais; a inserção lexical é dependente do contexto. As entradas lexicais fazem já referência a traços de subcategorização e a restrições de selecção. Vejamos alguns exemplos:

(3) Traços de subcategorização:⁶

comer [+V, +-SN]

parecer [+V, +-ADJ, +-Atributo Nominal]

acreditar [+V, +-SN, +-*que* F']

Por sua vez, concebe-se que nos traços lexicais se incluem alguns do tipo de [+/-Animado], [+/-Humano],[+/-Numerável], etc.:⁷

(4) *sinceridade* [+N, - Contável, + Abstracto]

rapaz [+N, + Contável, + Comum, + Animado, + Humano]

As regras de inserção lexical só podem introduzir itens que respeitem os traços de subcategorização (como em (3)) e os traços especificados em (4). Assim, uma frase como (5a)

(5) (a) * A sinceridade admira o João

é considerada uma frase agramatical por não respeitar restrições de selecção do V *admirar*, em contraste com (5b) que as respeita:

(b) O João admira a sinceridade.

Vemos assim que, embora não disponha ainda de princípios gerais sobre a articulação entre Léxico e Sintaxe (a interacção entre estas duas componentes é apenas ao nível da inserção lexical), o modelo tem já alguns mecanismos capazes de dar conta de restrições de selecção entre palavras que compõem as construções linguísticas.⁸

⁶ CHOMSKY, N. – *Aspects...*, p. 95; mantenho aqui as designações e o formalismo usado nesta obra.

⁷ CHOMSKY, N. – *ob. cit.*, p. 85.

⁸ Katz foi o principal «construtor» de uma teoria semântica na Teoria Standard da Gramática Generativa; tal teoria baseava-se na ideia de que o significado dos itens lexi-

Mas a teoria transformacional proposta era muito pouco restritiva, de tal modo que qualquer construção ou qualquer relação entre construções podia ser vista transformacionalmente. No final dos anos 60 existia já a consciência de que era crucial encontrar alternativas ao modelo de 65. Por outro lado, sendo um modelo capaz de engendrar muitas frases agramaticais, era inadequado para explicar questões como a do desenvolvimento da linguagem. Por isso, foram muitas as reacções à forma da gramática proposta nos *Aspects* tanto por parte de linguistas como por parte de psicólogos.

1.2. A importância das relações temáticas (Gruber 1965, Fillmore 1968)⁹

Uma dessas reacções foi constituída pelas propostas de Gruber e de Fillmore. Em ambos, há um esforço de compreender a correlação entre as relações semânticas ou temáticas, a posição sintáctica e a realização sintáctica das expressões nominais (de uma certa maneira, os dois autores representam a primeira teoria sobre associação ou «linking»). Embora não houvesse consenso acerca do número e definição dessas relações semânticas, um certo número de relações foi proposto pelos dois autores como as de agente, instrumento, origem, objectivo, tema. E lentamente começa a desenhar-se a ideia de que de algum modo o significado lexical se relaciona com a Sintaxe.

cais era analisável em traços e na ideia de composicionalidade do significado. Tal como no modelo dos *Aspects*, pensava-se que o nível pertinente para a interpretação era a Estrutura Profunda, o que vai ser posto em causa um pouco mais tarde pelo próprio Chomsky (*Deep structure, surface structure and semantic interpretation*, in STEINBERG, D.; JAKOBOVITS, L. (orgs.) – *Semantics...*, pp. 183-216) ao verificar que certas relações como as que se estabelecem entre um Quantificador e o seu domínio ou entre foco e pressuposição só são recuperáveis depois das transformações operarem, portanto no nível designado Estrutura de Superfície. Ver também KATZ, J. J. – *Semantic Theory*, de 1966, reimpresso in Steinberg, D.; JAKOBOVITS, L. (orgs.) – *Semantics...*, pp. 297-307.

⁹ GRUBER, J. – *Studies in Lexical Relations*, Diss. de Ph. D., MIT, 1965, não publicada; FILLMORE, C. J. – *The case for case*, in BACH, E.; R. HARMS (orgs.) – *Universals in Linguistic Theory*, Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston, 1968.

1.3. Chomsky 1970 e a hipótese lexicalista¹⁰

Neste texto, Chomsky distancia-se do modelo proposto em 1965 em vários aspectos: um deles consiste em procurar uma teoria mais restritiva das categorias sintácticas (é aqui que a hipótese X-Barra começa a ser delimitada); propõe-se, por outro lado, diminuir o peso das transformações e dar peso às informações lexicais. As nominalizações, por exemplo, são aqui tratadas como estando previstas no Léxico e não como o resultado de quaisquer transformações. Na realidade, há muitos problemas num tratamento transformacional das nominalizações: um N tem propriedades semânticas (pluralidade / singularidade, quantificação) e sintácticas, dificilmente deriváveis de uma Estrutura Profunda com o V correspondente; a escolha da preposição que acompanha a nominalização também não é predizível a partir do V.

1.4. A Semântica Generativa

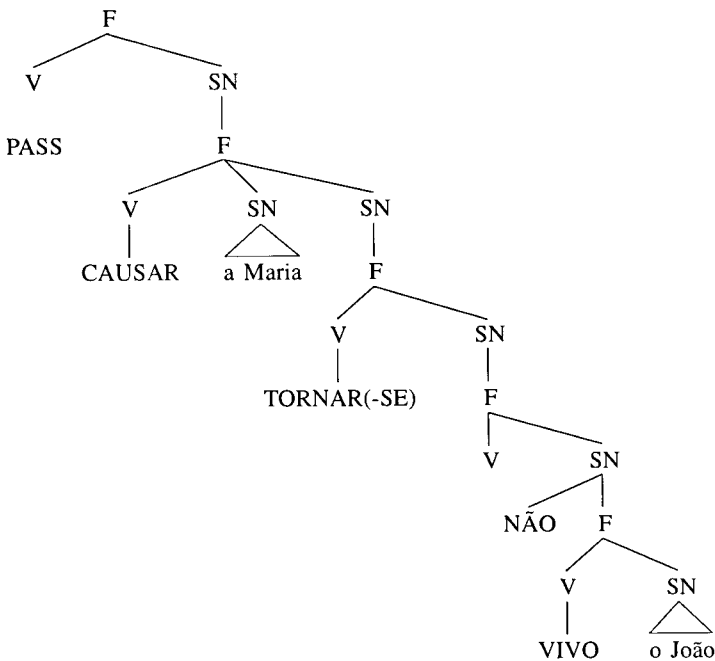
Outra reacção ao modelo dos *Aspects* foi constituída pela Semântica Generativa. Relativamente ao papel das transformações propunha-se a existência de restrições globais sobre a sua aplicação. Outro ponto de discórdia era o papel das restrições de selecção e da utilização redundante, por parte do modelo anterior, de traços como humano, animado, etc.; alguns críticos afirmavam que tais traços deveriam ser considerados relevantes a nível da Semântica mas não a nível da Sintaxe. Embora a Semântica Generativa e os modelos chomskianos estivessem de acordo em que o objecto da descrição linguística era explicar as relações entre som e significado, os defensores desta escola consideravam que a semântica tinha um papel central e por isso tentaram integrar a semântica na teoria sintáctica.¹¹ Por isso, no modelo de gramática proposto, a estrutura lexical desaparece, assim como as estruturas sintácticas, sendo substituídas por estruturas sub-

¹⁰ CHOMSKY, N. – *Remarks on Nominalizations*, in JACOBS, R. A.; P. ROSENBAUM (orgs.) – *Readings in English Transformational Grammar*, Waltham, Mass., Ginn & Company, 1970, pp. 184-221.

¹¹ Cf. MACLAY, H. – *Overview...*, p. 178; sobre esta problemática ver ainda: LAKOFF, G. – *Irregularity in Syntax*, Rinehart & Winston, Holt, 1970 e LAKOFF, G. – *On generative semantics*, in STEINBERG; JAKABOVITS (orgs.) – *Semantics...*, 1971, pp. 232-296.

jacentes em que primitivos semânticos universais são organizados segundo esquemas construídos a partir de termos, predicados e proposições, correspondentes, respectivamente, às categorias SN, V e F (uma versão revista da linguagem da Lógica Simbólica). Como exemplo, refira-se a conhecida análise de McCawley da frase (6a)¹²:

- (6) (a) A Maria matou o João.
 (b)



Propunha-se que a estruturas deste tipo se aplicam regras consideradas de tipo transformacional, que convertem, por exemplo, a subestrutura CAUSAR TORNAR(-SE) NÃO VIVO no item lexical *matar*:

- (7) CAUSAR TORNAR(-SE) NÃO VIVO → matar

Várias críticas foram feitas a este tipo de tratamento do Léxico e das estruturas profundas. Por um lado, não havia neste modelo propriamente uma Sintaxe. Em relação à análise do significado de algumas palavras, alguns autores consideraram que por vezes não se propunham componen-

tes mínimos do significado. Como afirma Jackendoff¹³ em relação a análise do V *matar*, se CAUSAR, NÃO ou TORNAR-SE são muito provavelmente predicados semânticos elementares, o mesmo não pode dizer-se de VIVO; sendo uma pedra não viva isso não quer dizer que esteja morta; pode-se morrer devagar ou de modo horrível mas uma pessoa não se torna não viva devagar ou de maneira horrível.¹⁴

1.5. A Semântica Interpretativa de Jackendoff 1972

Jackendoff propõe em 1972 e em obras subsequentes um modelo de Semântica Interpretativa num quadro generativo.¹⁵ A entrada lexical dos itens deve comportar traços sintácticos e relações temáticas (na linha de Gruber e de Fillmore). Veja-se a entrada lexical do V *comprar*:

(8) comprar
V
+ [SN — SN (a SN) (para SN)]
agente tema origem tema secundário

Repare-se que em (8) não há diferença entre complementos subcategorizados e sujeito. A projecção em Sintaxe tem de ser por isso assegurada por uma «Hierarquia Temática», que o autor representa como em (9):¹⁶

¹² MCCAWLEY, J. – *The role of Semantics in Grammar*, in BACH, E.; HARMS, R. – *Universals...*, 1968, pp. 124-169.

¹³ JACKENDOFF, R. – *Semantics and Cognition*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1983, p. 113.

¹⁴ Sobre a luta entre Chomsky e a Semântica Generativa afirmava em 1971 H. Maclay: «A batalha entre Chomsky e os seus críticos está a ser travada de acordo com as regras que o próprio Chomsky desenvolveu e é essencialmente uma guerra sectária entre académicos que partilham um entendimento acerca dos objectivos gerais da análise linguística.» (MACLAY, H. – *Overview...*, p. 178. Se esta observação é correcta, é justo referir que a «dissidência» representada pela Semântica Generativa anunciava de facto mudanças profundas. Enquanto Chomsky partiria, nos anos 70, para a edificação da Teoria Standard Alargada e, nos anos 80, para a Teoria da Regência e da Ligação, os subscritores da Semântica Generativa ajudariam a construir o que é hoje conhecido pela Gramática ou Linguística Cognitiva.

- (9) «1. Agente
2. Locativo, Origem, Objectivo
3. Tema.»

A hierarquia estabelece a ordem pela qual os argumentos são escolhidos para preencher as funções sintácticas nas construções. O objectivo fundamental do autor é explicar que nas passivas o sintagma de *por* deve ser mais alto na hierarquia do que o sujeito derivado. Vejamos uma ilustração. Os exemplos seguintes são agramaticais:

- (10) (a) * 1000 escudos foram custados pelo espectáculo.
(b) * A perna foi partida pelo João.
(c) * 22kg são pesados pela menina.

A agramaticalidade destes exemplos pode explicar-se assim: os Vs *partir*, *custar*, *pesar* têm a seguinte grelha temática:

- (11) *partir* / *custar* / *pesar*: [Tema Locativo]

Em (10) o papel temático do argumento precedido pela PREP *por* é Tema e o do argumento seleccionado para sujeito é Locativo (aqui num sentido abstracto). Ora, o papel temático do argumento que é seleccionado para sujeito da passiva não pode ser mais alto do que o da expressão precedida pela PREP *por* e as construções em (10) violam, por isso, a Hierarquia Temática.¹⁷

1.6. Chomsky 1981 e a Teoria da Regência e da Ligação

A Gramática Generativa vai evoluindo muito nos anos 70, mas é nas famosas «Conferências de Pisa» publicadas em 1981 sob o título de *Lec-*

¹⁵ JACKENDOFF, R. – *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1972.

¹⁶ JACKENDOFF, R. – *ob. cit.*, p. 43.

¹⁷ Jackendoff irá evoluir na sua teoria e a partir dos anos 80 constrói uma teoria em que a noção de papel temático é secundária e em que a noção central é a de predicado conceptual (ver adiante). Sobre a utilização da Hierarquia Temática para explicar a passiva ver também RAPOSO, E. P. – *Teoria da Linguagem...*, 1992, cap. 10.

tures on Government and Binding, que Chomsky vai integrar na sua teoria o que de melhor vinha a ser proposto quer na Semântica Interpretativa quer na Gramática Relacional.¹⁸

A noção de relação ou papel temático como parte considerável das informações lexicais é integrada na teoria¹⁹. Na perspectiva proposta, as entradas lexicais dos itens de natureza predicativa devem conter a indicação dos papéis temáticos dos argumentos. Ao contrário de Jackendoff, em que não há distinção entre tipos de argumentos, aqui assume-se a diferença entre argumento interno e argumento externo (o que pode ser dado por diferentes formas de notação)²⁰. Assim, a entrada lexical de um V como *pôr* pode ser dada como em (12a) ou (12b):

- (12) (a) *pôr*: <Agente, Tema, Locativo>
 (b) *pôr*: Agente [SN SPREP]
 Tema Locativo

Embora sejam noções distintas, a noção de papel temático vem de certo modo tomar o lugar que na teoria dos *Aspects* tinha a noção de restrição de selecção com base em traços sintáctico-semânticos do tipo animado, humano, abstracto. Por outro lado, considera-se que a indicação dos papéis temáticos, para além da subcategorização, é o tipo de informação lexical relevante para a projecção em Sintaxe dos argumentos. Assim, a frase (13a) é agramatical, de acordo com este modelo, porque o papel temático de Beneficiário não pode ser expresso em Português por um SPREP

¹⁸ Se o modelo das *Aspects*, apesar das suas debilidades, pode ser considerado um corte, uma ruptura epistemológica, porque institui um novo objecto teórico – a competência linguística – por oposição quer ao sistema (na concepção estruturalista europeia), quer ao discurso (na visão distribucionalista de Bloomfield ou Harris), tal não acontece com a Teoria da Regência e da Ligação, que mais do que negar ou superar teorias anteriores, as engloba. A Teoria da Regência e da Ligação, representada essencialmente por Chomsky 81, é portanto aquilo que se poderia chamar uma «ruptura intracientífica» ou «reformulação» (Cf. ALMEIDA, J. Ferreira de; PINTO, J. Madureira – *Significação conotativa nos discursos das ciências sociais*, Lisboa, G.I.S., 1973).

¹⁹ CHOMSKY, N. – *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris Publications, 1981; STOWELL, T. – *Origins of Phrase Structure*, MIT Cambridge, Mass., Diss. de Ph. D., 1981 (não publicada).

²⁰ Distinção introduzida por WILLIAMS, E. – *Argument Structure and Morphology*, in «The Linguistic Review», 1, 1980, pp. 81-114.

tendo como núcleo a PREP *sem* e a frase (13b) é agramatical porque o SN *o muro* não pode ser um Agente:

- (13) (a) * O João deu um livro sem a Maria.
- (b) * O muro deu um livro à Maria.

A articulação entre o Léxico e a Sintaxe é assegurada neste modelo por um princípio geral, o Princípio de Projecção:

- (14) «Princípio de Projecção: As representações de cada nível sintáctico (i.e., FL, Estrutura-P e Estrutura-S) são projectadas a partir do Léxico, respeitando as propriedades de subcategorização dos itens lexicais.»²¹ (Chomsky 1981, p. 29)

Dados os quadros de subcategorização e a grelha temática de *pôr* apresentados em (12), vemos que eles são respeitados em (15a) mas não em (15b) nem em (15c):

- (15) (a) O João pôs um livro na estante.
- (b) * O João pôs um livro.
- (c) * O João pôs.

O mesmo acontece em (16b) e (17b), que são agramaticais precisamente por não respeitarem o quadro de subcategorização e a grelha temática dos itens verbais que neles constam:

- (16) (a) Os bárbaros conquistaram a cidade.
- (b) * Os bárbaros conquistaram.
- (17) (a) Que comprou a Maria?
- (b) * Que comprou a Maria o livro?

Repare-se que (17b), além de contrariar o Princípio de Projecção, pode ser considerada agramatical por outra razão: o facto de existirem na frase dois sintagmas em condições de receber o papel temático de Tema. Ora isso viola o Critério Temático, uma condição de boa formação das construções:

²¹ CHOMSKY, N. – *Lectures...*, p. 29.

(18) «Critério Temático: Cada argumento recebe um e só um papel temático e cada papel temático é atribuído a um e só um argumento.» (Chomsky 81, p. 36)

De acordo com este modelo, o sujeito não é um complemento do V, não é subcategorizado pelo V; daí a designação de «argumento externo» e a proposta de que o sujeito, sendo exterior ao SV, é marcado composicionalmente do ponto de vista temático por todo o SV. Exemplos como (19):

- (19) (a) O João partiu a perna (*o João é paciente*)
 (b) O João partiu a lenha (*o João é agente*)

constituem um argumento a favor dessa tese.²² Para outros, a Regra de Predicação (informalmente, a regra que descreve a saturação de um predicado pelo sujeito) é o mecanismo que está na base da marcação temática do sujeito.²³ Mais tarde, Sportiche irá propor que o SN sujeito é engendrado na posição de especificador de SV e que se move para a posição de especificador de F ou SFLEX («IP» na terminologia inglesa) por razões de acesso ao caso nominativo.²⁴ De forma a incluir a obrigatoriedade de presença de uma posição sintáctica de sujeito (mesmo quando ele é preenchido por uma categoria vazia) Chomsky formula o chamado Princípio de Projecção Alargado, que inclui o Princípio de Projecção e o seguinte requisito:

- (20) «As orações têm de ter um sujeito.»²⁵

Ainda em relação à marcação temática, refira-se também que, enquanto com os chamados Vs transitivos, o V atribui directamente um

²² Como Chomsky, outros autores consideram que a marcação temática do sujeito é composicional: MARANTZ, A. – *On the nature of grammatical relations*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1984 e mais recentemente HALE, K.; KEYSER, S. J. – *On the Argument Structure and the lexical expressions of syntactic relations*, in HALE, K.; KEYSER, S. J. (orgs.) – *The View from Building 20, Essays in Linguistics in Honour of Sylvain Bromberger*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1993.

²³ ROTHSTEIN, S. – *On the syntactic forms of predication*, IULC, 1985.

²⁴ SPORTICHE, D. – *A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure*, in «Linguistic Inquiry», 19, pp. 425-49.

²⁵ CHOMSKY, N. – *Somes concepts and consequences of the Theory on Government and Binding*, Cambridge, Mass., MIT Press, p. 10.

papel temático ao seu argumento interno, no caso dos Verbos preposicionais (*pôr, ir, vir*) a marcação temática do SPREP que é complemento do V faz-se indirectamente pelo V através da PREP; daí a proposta de distinção entre marcação temática directa (do V ao seu argumento interno SN) e marcação temática indirecta (do V ao complemento SPREP).

Como forma de explicar certas alternâncias, por exemplo, o par activa / passiva, ou o par causativa / anticausativa (como em *a Maria derreteu o chocolate / o chocolate derreteu*), a teoria usa a noção de mover α , uma regra de movimento de constituintes (o sucedâneo da noção de regra transformacional dos modelos de 57 e 65) e nisto se distingue de dois outros modelos, a Gramática Lexical Funcional²⁶ e a Gramática Sintagmática Generalizada.²⁷

²⁶ A LFG foi inicialmente desenvolvida por KAPLAN, R; J. BRESNAN – *Lexical-Functional Grammar. A Formal System for Grammatical Representation*, in BRESNAN, J. (org.) – *The Mental Representation of Grammatical Relations*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1982. A ideia central, comum à Gramática Relacional de Perlmutter e outros, é a de que a Sintaxe não deve ser simplesmente baseada na ideia de estrutura, dada em indicadores sintagmáticos. As funções gramaticais (sujeito, objecto, etc.) são consideradas primitivos, embora não se negue a existência de um nível de representação chamado a estrutura de constituintes. A teoria dá muita força à ideia de valência e de selecção de argumentos por um predicado. Muitos processos, como a alternância activa / passiva, são vistos não transformacionalmente mas como resultado de regras lexicais. O léxico e o nível de estrutura de constituintes são muito variáveis através das línguas; pelo contrário, o nível de estrutura funcional é considerado bastante estável e semelhante de língua para língua; é com base nesse nível que muitas das propostas de adequação psicológica da teoria são construídas.

²⁷ Na GPSG (proposta em GAZDAR, G., E. KLEIN; PULLUM, G.; SAG, I. – *Generalized Phrase Structure Grammar*, Cambridge, Mass., Harvard Univ. Press, 1985) propõe-se um só nível de representação sintáctica e um só tipo de regra – as regras sintagmáticas – sendo um dos objectivos a eliminação da componente transformacional. Cada estrutura sintáctica tem como paralelo uma interpretação semântica (em termos muito próximos dos da Gramática de Montague). Os processos sintácticos são concebidos como sendo «conduzidos semanticamente». Enquanto a TRL considera que a selecção temática é satisfeita sob regência em domínios locais, a GPSG considera que as próprias regras do sistema (as «Lexical Immediate Dominance Rules») forçam essa propriedade porque exprimem relações locais. C. POLLARD, em *Generalized Phrase Structure Grammars, Head Grammars and Natural Language*, Diss. de Ph. D, Stanford, de 1984, criou um novo modelo (a HPSG): aqui as «Lexical Immediate Dominance Rules» são eliminadas e a subcategorização é concebida como uma propriedade dos núcleos lexicais.

Dada a existência no modelo de gramática proposto na Teoria da Regência e da Ligação de entradas lexicais que marcam a distinção entre argumento externo e interno e da proposta de um Princípio de Projecção, o recurso à Hierarquia Temática é dispensado (ver no entanto o problema da passiva referido em 1.5.).

De um modo geral, podemos dizer que nesta teoria o conteúdo exacto dos papéis temáticos não é considerado muito importante: o exemplo mais evidente é o que se relaciona com a noção de Tema, que pode incluir as interpretações de objecto afectado ou não afectado, de paciente, etc..

1.7. Chomsky 1986

Vimos que no modelo proposto por Chomsky em 1981, a ideia de que o significado lexical determina a Sintaxe está implícita. Ora essa ideia é explícita no modelo de gramática proposto em Chomsky 1986, por influência sobretudo de estudos de Grimshaw e de Pesetzky.²⁸ Ao analisar a selecção que os Vs fazem do tipo de complemento frásico, Grimshaw tinha já notado que os Vs devem ser marcados quanto à sua capacidade de seleccionarem complementos frásicos interrogativos [+wh] ou declarativos [-wh]. Chomsky desenvolve esta ideia e propõe que as entradas lexicais dos itens lexicais apenas devem indicar os papéis temáticos e não a categoria dos seus argumentos. De modo a dar conta da projecção em Sintaxe dos argumentos, Chomsky propõe que a cada papel temático deve corresponder uma «realização estrutural canónica». Um exemplo: o V *pôr* selecciona um Agente, um Tema e um Locativo. A realização estrutural canónica de Agente e de Tema é um SN, a de Locativo é um SPREP (ou um ADVÉRBIO). Pode portanto dispensar-se os traços de selecção categorial e derivar a selecção categorial da selecção temática. Outro exemplo:

(Para uma apresentação acessível destas teorias, veja-se SELLS, P. – *Lectures on Contemporary Syntactic Theories*, Stanford, CSLI, 1985; TORRIS, T. – *Le rôle du Lexique dans les modèles de Grammaire Générative, GB et GPSC*, in «DRLAV, Lexique. Nouveaux modèles», n° 38, 1988, pp. 93-151).

²⁸ CHOMSKY, N. – *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*, Prager, New York, 1986; GRIMSHAW, J. – *Complement Selection and the Lexicon*, in «Linguistic Inquiry», 10, 1979, pp. 279-326; PESETZKY, D. – *Paths and Categories*, Diss. de Ph. D., MIT, 1982.

dizer selecciona o papel temático Proposição, que pode ser realizado por Frase ou por um SN com conteúdo proposicional:

- (21) (a) Ela disse que estava contente.
(b) Ela disse uma mentira.

Dada a centralidade da noção de papel temático neste modelo, surge a proposta de que a idênticos papéis temáticos devem corresponder idênticas realizações estruturais ao nível da Estrutura-P, proposta conhecida como a «UTAH» («Uniformity of Theta Assignment Hypothesis», preconizada por Baker.²⁹

Apesar de algumas críticas que possam fazer-se a este modelo e que referiremos adiante, não há dúvida que foram feitos a partir dele estudos muito interessantes sobre vários tipos de Vs e em várias línguas, tipologicamente muito distintas.

Como tem sido afirmado, o modelo da Teoria da Regência e da Ligação revela alguma redundância, na medida em que se supõe a existência de entradas lexicais – que devem indicar restrições de selecção semântica – e estruturas sintácticas, que de acordo com o Princípio de Projecção, devem dar exactamente essas informações.

Outro problema é o tratamento de palavras que não são predicados, isto é, de palavras sem estrutura argumental, como é o caso de muitos Ns que, de qualquer modo, evidenciam restrições no modo como se combinam com os seus «dependentes semânticos».³⁰

Outra questão é constituída pela existência de diversos casos de alternância de argumentos, sendo por isso difícil de aceitar que a sua categoria sintáctica esteja à partida determinada nas entradas lexicais (como era preconizado no modelo de Chomsky 1981): é o caso conhecido do *V to give* em Inglês, cujos argumentos se podem realizar como em (22a) ou como em (22b):

²⁹ BAKER, M. – *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*, Chicago, Univ. of Chicago Press, 1988. Sobre a UTAH ver em particular a p. 46.

³⁰ Ver sobre este assunto ZUBIZARRETA, M. L. – *Levels of Representation in the Lexicon and in the Syntax*, Dordrecht, Foris Publications, 1987; GRIMSHAW, J. – *Argument Structure*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1990; BRITO, A. M. – *Algumas reflexões sobre a interface léxico-sintaxe: a propósito dos nomes e das nominalizações*, in «Atas do 1º Congresso Internacional da Abralín», Salvador, ABRALIN-FINEP-UFBA, 1996, pp. 73-83.

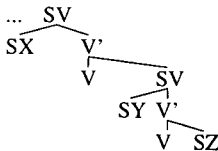
- (22) (a) John gave Mary a book.
 (b) John gave a book to Mary.³¹

Refira-se ainda a existência de verbos que, marcando os seus argumentos com os mesmos papéis temáticos de Objecto ou Tema e Locativo, não realizam esses argumentos da mesma maneira: veja-se a diferença entre *derramar*, *entornar* em confronto com os verbos de alternância locativa («spray/ load verbs») como *encher*, *carregar*.³²

- (23) (a) O João derramou / entornou água no copo.
 (b) * O João derramou / entornou o copo com / de água.
 (c) O João encheu (o) trigo no camião.
 (d) O João encheu o camião com / de trigo.

Estes e outros problemas conduziram a propostas alternativas quanto à relação entre Léxico e Sintaxe, que serão apresentadas na segunda parte deste trabalho.

³¹ É certo que no quadro da teoria houve várias maneiras de dar conta de alternâncias, como é o caso de LARSON, R. K. – *On the double object construction*, in «Linguistic Inquiry», 19, 1986, pp. 335-391. O modelo de Larson parte de KAYNE, R. – *Connectedness and Binary Branching*, Dordrecht, Foris Publications, 1984, quanto à ideia de ramificação binária; explorando esta via, propõe-se que a relação entre V e um complemento é única, isto é, não pode haver um nó SV que domine V e mais do que um complemento de V. Daí a hipótese de existirem vários nós SV de acordo com o número de complementos:



sendo a estrutura sintáctica final obtida por movimento do V através das várias posições de V até uma categoria superior, a posição de Flexão. Como forma de dar conta de alternâncias do tipo referido no texto, Larson propõe movimentos por adjunção à direita. Sobre o aproveitamento de algumas destas ideias ao nível das representações lexicais ver o modelo de Hale e Keyser apresentado adiante.

³² Sobre estes Vs, entre muitas outras referências, vejam-se: RAPPAPORT, M.; LEVIN, B. – *What to do with theta-roles*, in WILKINS, W. (org.) – *Syntax and Semantics*, vol. 21, *Thematic Relations*, San Diego, Academic Press, 1988, pp. 7-36 e LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV – *Wiping the slate clean: a lexical semantic explorations*, in LEVIN & PINKER (orgs.) – *Lexical and Conceptual Semantics*, Amsterdam, Elsevier, 1991, pp. 124-151.

Mas antes de passarmos a essa segunda parte, torna-se necessário dar conta de alguns aspectos fundamentais do Programa Minimalista e que importam ao assunto em discussão.

1.8. O Programa Minimalista³³

Nos seus escritos mais recentes, Chomsky reelabora algumas ideias de outras fases da teoria e modifica outras, no sentido de conceber um modelo de gramática mais económico e com menos princípios. A gramática é concebida como um sistema computacional, um procedimento generativo «L» que gera duas formas de representação *m* e *l*, que são interpretados pelos níveis de interface articulatorio-perceptual (Forma Fonética) e conceptual-intencional (Forma Lógica), deixando de existir os níveis classicamente designados Estrutura-P e Estrutura-S. Os níveis de interface referidos são concebidos como «instruções» para os sistemas de performance / desempenho linguístico. «L» determina um conjunto de derivações / computações, que convergem, em cada um dos níveis de interface, se derem origem a representações que satisfaçam a condição de Interpretação Plena («Full Interpretation»). Dada esta nova concepção, não há condições a relacionarem directamente as propriedades lexicais e os níveis de interface; por isso, o Princípio de Projecção deixa de existir. Como em etapas anteriores, o Léxico é o lugar das idiosincrasias das línguas. A entrada lexical de um item apresenta instruções para a Forma Fonética e para a interpretação, isto é, contém a matriz fonológica e um certo número de propriedades semânticas. Os traços de selecção categorial de um item não são listados no Léxico porque são derivados das propriedades semânticas, em particular dos papéis temáticos (como em *Knowledge of Language*). Os papéis temáticos são concebidos como traços formais atribuídos no domínio interno de um núcleo, sob certas condições estruturais.

Compreende-se que Chomsky continue a atribuir importância aos papéis temáticos porque, como vamos ver a seguir, a alternativa a essa noção parecem ser entradas lexicais mais enriquecidas, o que não é muito con-

³³ Ver em particular CHOMSKY, N. – *The Minimalist Program*, Cambridge, MIT Press, Mass., 1995, em particular as pp. 219-225.

forme ao propósito do Programa Minimalista. Por outro lado, dada a importância dos níveis de interface e em particular da interface com a Forma Lógica, regulamentada pela condição de «Interpretação Plena», é a esse nível que verdadeiramente se «joga» a relação entre a forma e o significado.³⁴

2. A reflexão crítica sobre papéis temáticos e a relação entre aspecto e estrutura argumental

Como vamos ver a seguir, têm-se desenvolvido nos últimos anos, no quadro da Gramática Generativa, diferentes perspectivas sobre a articulação entre o Léxico e a Sintaxe, alternativas à Teoria da Regência e da Ligação. Essas perspectivas têm em comum dois pontos fundamentais: (i) os papéis temáticos não são primitivos e são derivados de outras noções; como consequência, os papéis temáticos não são considerados o tipo de informação lexical relevante para a Sintaxe; (ii) outro ponto importante é o articularem valores aspectuais dos Vs e a estrutura argumental.

2.1. Estruturas lexicais conceptuais

2.1.1. Jackendoff 1983³⁵

Nesta obra, Jackendoff defende a ideia de que há um nível de representação linguística distinto da estrutura sintática – o nível da estrutura conceptual – constituído por um inventário de primitivos semânticos e por regras de combinação (regras de boa formação semântica). Propõe ainda que as estruturas conceptuais e as estruturas semânticas são uma e a mesma coisa. Como exemplos de primitivos semânticos, Jackendoff apresenta as

³⁴ No seu texto de 95, Chomsky parece demonstrar alguma simpatia pelo modelo de Hale e Keyser, por exemplo quanto à discussão dos Vs inergativos. Para algumas críticas ao Programa Minimalista no que diz respeito à interface Sintaxe-Semântica ver CHIERCHIA, G. – *A Note on the Syntax-Semantics Interface in Current Linguistic Theories*, in MATOS, G., M. MIGUEL, I. DUARTE & I. FARIA – *Interfaces in Linguistic Theory*, A.P.L./ Ed. Colibri, 1997, pp. 81-108, especialmente, pp. 89-92.

³⁵ JACKENDOFF, R. – *Semantics and Cognition*, Cambridge, Mass., MIT Press; sobre o exemplo (24) ver pp. 67-68.

categorias ontológicas de EVENTO, ESTADO, COISAS, PROPRIEDADES, LUGARES, QUANTIDADES.

Um dos exemplos do Inglês analisados é a frase (21):

(24) John put the book on the table.

O V *to put* é visto como uma função semântica que articula três argumentos a um EVENTO (tal como em obras anteriores do autor não é feita a distinção entre argumento externo e argumento(s) interno(s)). Os argumentos correspondendo às leituras do sujeito e do objecto são duas COISAS (em (24), um HUMANO e um OBJECTO); a estrutura conceptual correspondente à frase é apresentada em (25):

(25)

EVENTO			
put	(COISA,	COISA,	LUGAR)
John	the book	on the table	

Através desta análise, começamos a aperceber-nos que, sob a ideia de predicado elementar de carácter conceptual, noções geralmente associadas a aspecto (como a noção de EVENTO ou ESTADO) começam a entrar nas representações lexicais.

2.1.2. Zubizarreta 1987 e Levin e Rappaport 1988 e 1995³⁶

Inspirando-se em Jackendoff e na sua proposta sobre a natureza das informações contidas nas entradas lexicais, estas autoras consideram que o Léxico deve conter dois níveis de representação lexical:

- a «representação lexical sintáctica», «estrutura de predicador-argumento» ou «estrutura argumental»;
- a «representação lexical conceptual».

³⁶ ZUBIZARRETA, M. L. – *Levels of Representation in the Lexicon and in the Syntax*, Foris Publications, Dordrecht, 1987; LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. – *Non event-er Nominals: a probe into Argument Structure*, in «Linguistics», 26, 1988, pp. 1067-83, reimpresso in STOWELL, T.; WEHRLI, E. – *Syntax and Semantics, Syntax and the Lexicon*, 26, San Diego, Academic Press, 1992; LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. Hovav – *Unaccusativity. At the Syntax-Lexical Semantics Interface*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1995, pp. 135 e 146.

Exemplificando de novo com o V *pôr*, temos em (26a) a estrutura argumental e em (26b) a representação lexical conceptual:

- (26) (a) *pôr*: $x < y, \text{PREP}_{\text{loc}} z >$
 (b) *pôr*: [x causar [y ficar em z]

Por vezes, nas representações da estrutura argumental, é proposta uma variante de (26a) e que é a seguinte:

- (26) (a') *pôr*: e, $x < y, \text{PREP}_{\text{loc}} z >$

Higginbotham³⁷, na sequência de Davidson³⁸, considera que na representação lexical de verbos eventivos deve figurar um «lugar de evento» como em (26a'); ora, se tal lugar de evento existe na estrutura argumental de um V, isto é, na representação lexical pertinente para a Sintaxe, o que se espera é que haja lugar para a sua adequada interpretação semântica num outro nível gramatical.

Repare-se que, adoptando-se o modelo de Zubizarreta e Levin & Rappaport, nada é dito nas representações lexicais sobre qual dos argumentos deve ser escolhido para sujeito ou para objecto. Por isso, os autores que subcrevem este tipo de organização do Léxico propõem regras de «linking» (associação ou conectividade). Vejamos duas das regras mais importantes:

- (27) «Regra de Associação de Causa Imediata:

O argumento de um V que denota a causa imediata do evento descrito por esse verbo é o seu argumento externo.»

«Regra de Associação de Mudança Directa: o argumento de um V que corresponde à entidade que sofre a mudança descrita por esse V é o seu argumento interno directo.»³⁹

Neste quadro teórico têm sido analisados de maneira satisfatória muitas classes de Vs, de que se destacam os Vs de alternância locativa.

³⁷ HIGGINBOTHAM, J. – *On Semantics*, in «Linguistic Inquiry», 16, pp. 547-593.

³⁸ Para Davidson, uma frase normalmente considerada como comportando dois lugares ou argumentos tem na realidade três, sendo o terceiro o lugar do evento: «[in 'Shem kicked Shaun'] I suggest that we think of 'kicked' as a *three-place* predicate, and that the sentence to be given in this form: $(\exists x)$ (Kicked (Shem, Shaun, x)).» (p. 118) (DAVIDSON, D. – *The logical form of action sentences*, de 1967, impresso como cap. 6 de *Essays on Actions and Events*, Clarendon Press, Oxford, 1980.

³⁹ LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. Hovav – *Unaccusativity...*, pp. 135 e 146.

2.2. Influência de estudos semânticos sobre o Aspecto

Se se olhar com atenção para os exemplos de estruturas lexicais conceptuais acima apresentados, podemos verificar que tais estruturas contêm certas informações semânticas (causalidade, por exemplo) que, não sendo idênticas a noções de tipo aspectual ou de *aktionsart*, como já vimos acima, se podem relacionar com elas. Na verdade, quando se afirma que o significado de *pôr* pode ser descrito por «x causar y ficar em z», estamos a analisar *pôr* como um V causativo e como um V de evento, que inclui a actividade de alguém, sendo o efeito dessa actividade uma mudança de posição de um dado objecto.

Ora, a ideia de que a natureza aspectual de um V é um elemento importante tanto para a Sintaxe como para a Semântica começa a surgir de maneira mais ou menos explícita em vários autores no quadro da Gramática Generativa, ao longo da década de 80. Vamos fazer referência apenas a alguns deles. Como iremos ver, estes autores foram directamente influenciados por estudos de semanticistas.⁴⁰

Tradicionalmente considerava-se que o aspecto estava relacionado com a expressão da perfectividade / não perfectividade, muito ligado, portanto, aos morfemas flexionais dos verbos, ao uso de certos auxiliares e das chamadas conjugações perifrásticas; por seu lado, a noção de *aktionsart* estaria articulada com propriedades semântico-lexicais dos Vs (que só ocasionalmente teriam repercussões ao nível da Sintaxe, pelo uso de determinados advérbios de tempo, por exemplo). Nas últimas décadas, no entanto, tem havido inúmeros desenvolvimentos destas questões que têm mostrado que a distinção entre as duas noções é demasiado simplificadora.⁴¹ Aceitaremos aqui que aspecto e *aktionsart* são noções aproximadas e que se relacionam com a estrutura temporal dos eventos.

⁴⁰ A bibliografia sobre aspecto é extensíssima. Ver em particular: VENDLER, Z. – *Linguistics and Philosophy*, Cornell Univ. Press, Ithaca, 1967; BACH, E. – *On Time, Tense and Aspect: an Essay in English Metaphysics*, in COLE, P. (org.) – *Radical Pragmatics*, New York, Academic Press, 1981; DOWTY, D. – *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel, 1979; LOPES, O. – *Gramática Simbólica do Português. Um esboço*, 2ª ed., Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, 1972, cap. IX, pp. 223-235.

⁴¹ Ver, entre outros, BOSQUE, I. – *Sobre el aspecto en los adjetivos y en los participios*, in BOSQUE, I. (org.) – *Tiempo y Aspecto en Español*, Madrid, Cátedra, 1990, pp. 177-211; OLIVEIRA, F. – *Algumas peculiaridades do aspecto em Português*, in *Congresso Internacional sobre o Português*, «Actas», Vol. II, 1994, pp. 151-190.

Na longa bibliografia sobre o aspecto, a terminologia é muito variável. Vendler e Dowty propõem a existência de quatro tipos aspectuais de Vs: Vs de estado, Vs de actividade ou processos, Vs de «accomplishment» e Vs de «achievement» (em geral, a noção de «transição» inclui os «accomplishments» e os «achievements»). Os Vs *ser, estar*, os Vs psicológicos como *amar, gostar, temer*, os Vs de actividade mental como *pensar* são Vs de estado; os Vs como *correr* (em *o João corre*), *empurrar, nadar* são Vs de actividade; Vs como *chegar, nascer, morrer, ganhar a corrida* são Vs de «achievement» e Vs como *destruir, arrasar*, etc. são Vs de «accomplishment». Bach fala em eventos prolongados / eventos instantâneos; outros autores usam as noções de eventualidades télicas (com um limite temporal definido) e atélicas (sem um limite temporal definido).⁴²

Sabemos hoje que os quatro tipos de Vendler não são exactamente verdadeiros para os Vs considerados isoladamente mas para o conjunto do V e dos seus argumentos e muitas vezes dos adjuntos.⁴³ Assim, a presença ou ausência de complementos (como em *correr* e *correr uma corrida*) a forma dos complementos, nomeadamente a forma determinada versus plural («bare plurals») (como *pinta o quadro* e *pinta quadros*), o tempo verbal, nomeadamente a perfectividade por oposição à não perfectividade (*pintou um quadro* versus *pinta um quadro*), a presença de adverbiais que exprimem ocasionalidade ou iteratividade (por exemplo em *pinta um quadro hoje à tarde, pinta um quadro todas as semanas*), tudo isso tem influência na expressão do aspecto. Por isso, o aspecto é um fenómeno eminentemente composicional.

Mas há muitas possibilidades de tratar os problemas de aspecto e de «aktionsart» no que diz respeito à interface Semântica Lexical-Sintaxe. Vamos ver algumas delas.

⁴² Em *Para um conceito dístico de presente e de presença*, artigo não publicado, de 1985, Óscar Lopes fala de «predicados de consumação extrínseca» referindo-se a «accomplishments» e «predicados de mudança bruscamente consumada» para «achievements». Neste texto decidi, à semelhança de muitos outros autores, manter a terminologia em língua inglesa.

⁴³ OLIVEIRA, F. – *ob. cit.*, p. 155.

2.3. Os Vs atribuem aos seus argumentos internos papéis aspectuais (Tenny 1994)

Tenny constrói uma teoria sobre a interface entre a Semântica Lexical e a Sintaxe profundamente ligada a problemas de aspecto («Os princípios universais de articulação («mapping») entre a estrutura temática e a estrutura argumental sintáctica são regidos por propriedades aspectuais»).⁴⁴ Segundo a autora, a delimitação ou não delimitação dos eventos é a propriedade aspectual orientadora da interface entre Sintaxe e Semântica. A sua proposta é a de que os argumentos têm ou não uma função delimitadora do evento, sendo previsível que os verbos tenham uma grelha aspectual, no sentido de que atribuem informações aspectuais que são associadas a posições de argumentos.

De entre as informações aspectuais destacam-se a informação de MEDIDA, atribuída a argumentos internos directos, e a informação TÉRMINO, associada a argumentos internos indirectos (regidos por Preposição). A informação de MEDIDA (que envolve sempre uma medida associada a um argumento e um limite temporal do evento) pode verificar-se em três situações:

- a) com temas «incrementais» («incremental themes») isto é, temas que podem aumentar ou pelo contrário ser consumidos durante o evento: *construir uma casa, comer uma maçã.*
- b) com verbos de mudança de estado (Vs de «achievement»): *partir o vidro, explodir a bomba.*
- c) com argumentos CAMINHO ou PERCURSO («path») de certos verbos, como em *subir a rua, escalar a montanha.*

Repare-se que em todos estes casos o evento é delimitado, o que pode ser comprovado pelo facto de os adverbiais passíveis de combinação (na leitura mais natural das frases) serem do tipo de medição de tempo (sendo agramaticais os durativos):

(28) O operário construiu uma casa numa semana / *durante uma semana.

(29) O operário comeu uma maçã num minuto / * durante um minuto.

(30) A bola partiu o vidro num minuto / * durante um minuto.

⁴⁴ TENNY, C. – *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1994, p. 2.

- (31) O terrorista explodiu a bomba num minuto / * durante um minuto.
- (32) O João subiu a rua num minuto / * durante um minuto.
- (33) O João escalou a montanha numa hora / * durante uma hora.

Dada esta regularidade, é possível, segundo a autora, propor uma regra de associação que projecta o argumento com a informação aspectual de MEDIDA como argumento interno directo de um V.

Em relação à informação aspectual TÉRMINO, ela consiste em fornecer uma delimitação a um evento, embora não o medindo; é o que acontece com os argumentos internos indirectos (geralmente tratados na teoria temática como «goal») de verbos locativos ou outros como em *escalar a montanha até ao cume, tocar a sonata até ao 3º andamento, passear no passeio até ao jardim, comer a maçã até ao caroço, puxar o carro até à estação*.

Contrastando com os argumentos directos e indirectos, o argumento externo «não participa na medida ou na delimitação do evento descrito pelo verbo. Um argumento externo não pode ser nem uma medida, nem um caminho, nem um término.»⁴⁵

Em síntese, no modelo de Tenny, as informações relevantes para a articulação Semântica Lexical-Sintaxe são informações aspectuais (papéis aspectuais de MEDIDA, CAMINHO, TÉRMINO), que os Vs atribuem aos seus argumentos internos, directos e indirectos. Esses papéis aspectuais substituem, segundo a autora, com vantagem os papéis temáticos clássicos.⁴⁶

2.4. Estruturas lexicais enriquecidas com informações aspectuais

2.4.1. Pustejovsky 1991⁴⁷

Pustejovsky considera que os modelos de Semântica Lexical baseados quer em primitivos semânticos quer em postulados de significado não

⁴⁵ TENNY, C. – *ob. cit.*, p. 83.

⁴⁶ Sobre a perspectiva de Tenny e sua relação com os papéis temáticos ver OLIVEIRA, F. – *Aspecto, referência nominal e papéis temáticos*, in «Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas. In honorem Prof. Óscar Lopes», XII, Porto, 1995, pp. 55-73.

⁴⁷ PUSTEJOVSKY, J. – *The syntax of Event Structure*, in «Cognition», 41, 1991, pp. 47-81.

são totalmente satisfatórios e propõe-se construir um modelo de Semântica Lexical que, sem abstrair da ideia de primitivos, os integre numa teoria composicional do significado de tipo generativo; isto é, um modelo fundado na ideia de que é possível propor um número limitado de mecanismos generativos que construam as expressões semânticas.

De acordo com o autor, um das preocupações centrais de uma teoria semântica lexical é o papel do aspecto e dos tipos de «eventos» (Pustejovsky, assim como Grimshaw, usa a expressão «evento» no sentido amplo de «eventualidade» de Bach, ou seja, de tipo de situação, de «state of affairs», de modo a incluir um estado). E propõe que uma descrição semântica deve incluir a interpretação aspectual de cada item lexical, do sintagma e da frase. A originalidade do modelo de Pustejovsky relativamente a modelos de Semântica Formal é que o interesse é posto nos efeitos da «estrutura de evento» («event structure», ES) sobre a gramática e no modo como ela se articula com outros níveis de representação. A sua ideia é que se deve propor «estruturas de evento» de modo configuracional, que possam articular as propriedades aspectuais de cada item, o papel dos advérbios, o papel da estrutura argumental e a articulação do Léxico à Sintaxe. Assim, as «estruturas de evento» devem conter:

- o tipo de aspecto / evento primitivo do item lexical;
- as regras de composição do aspecto / evento (incluindo o papel que a intervenção de advérbios e SPREPs têm para a expressão aspectual);
- as regras de articulação da estrutura lexical com a Sintaxe.

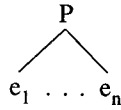
O autor aceita os tipos básicos de «eventos» propostos em Vendler e Dowty já acima referidos, usando a terminologia estados, processos e transições e incluindo nestas os «accomplishments» e os «achievements».

Um estado (S), exemplificado por *estar doente, amar, conhecer* é composto por um só «evento», a sua representação estrutural será como em (34):

(34) S
 |
 e

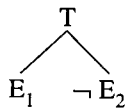
Um processo (P)(ou actividade) como em *correr, puxar* é uma sequência de eventos e pode ter a seguinte representação estrutural:

(35)



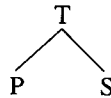
Uma transição (T) como em *dar, abrir, construir, destruir* é um evento que é avaliado relativamente à sua oposição; a sua representação estrutural pode ser a seguinte:

(36) (a)



ou de outro modo:

(b)

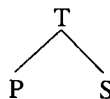


A cada «estrutura de evento» deve ser associada uma estrutura lexical conceptual em dois níveis: um que representa predicados elementares e os seus argumentos («lexical conceptual structure», LCS') e outro, a estrutura lexical conceptual propriamente dita (LCS), que é o resultado da combinação da LCS' com a estrutura de evento.⁴⁸

Vejamus a título de exemplificação como o autor trata Vs de «accomplishment» (*destruir*) e de «achievement» (*morrer*)⁴⁹:

(37) «Accomplishment»:

ES

LCS' [actuar (x,y) & \neg Q (y)] [Q (y)]

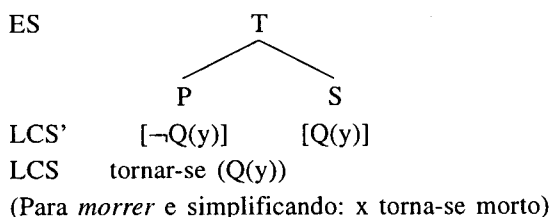
LCS causar ([actuar (x,y)], tornar-se (Q (y)))

(Para *destruir* e simplificando: x actua, causando y tornar-se destruído)

(38) «Achievement»:

⁴⁸ Como nos textos de Jackendoff, Levin & Rappaport e Zubizarreta citados acima.

⁴⁹ PUSTEJOVSKY, J. – *ob. cit.*, p. 59.



Como forma de dar conta da projecção das estruturas lexicais em estruturas sintácticas, o autor formula um conjunto de regras de «linking», das quais se expõem em (39a) e (b) as duas primeiras e que são próximas das que foram apresentadas em (27):⁵⁰

(39)(a) «O participante semântico numa oposição de predicados é projectado na posição de argumento interno da estrutura lexical (o que corresponde à posição de objecto em «Estrutura-P).»

(b) «O participante agentivo no subevento inicial da estrutura de evento é projectado na posição de argumento externo da estrutura lexical (o que corresponde ao sujeito em Estrutura-P).»

Vemos que neste modelo os valores aspectuais dos Vs são dados em «estruturas de evento» vistas como algo configuracional, devidamente associadas a estruturas lexicais conceptuais. Os papéis temáticos são vistos como noções derivadas e não primitivos da teoria.

2.4.2. Grimshaw 1990⁵¹

Inspirada em Jackendoff e em Pustejovsky, Grimshaw constrói uma teoria sobre estrutura argumental cujos pontos fundamentais são os seguintes:

- (i) a estrutura argumental e a dimensão aspectual dos itens lexicais devem ser representadas no Léxico;
- (ii) os argumentos devem ser hierarquizados de acordo com a Hierarquia Temática, formulada pela autora como em (40):

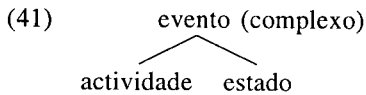
(40) (Agente (Experienciador (Objectivo/Origem/Locativo/(Tema))))

⁵⁰ PUSTEJOVSKY, J. – *ob. cit.*, pp. 75-77.

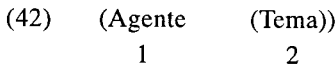
⁵¹ GRIMSHAW, J. – *Argument Structure*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1990.

(iii) é a hierarquia na estrutura argumental e na estrutura aspectual em simultâneo que determina a realização sintáctica dos argumentos como sujeito, como objecto directo, etc..

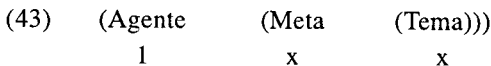
Vejamos como Grimshaw analisa alguns verbos. Tomemos o caso de *quebrar*, um V que na tipologia de Vendler é um V de «accomplishment»; segundo a autora, esses Vs descrevem um evento complexo e como tal comportam duas dimensões: uma actividade e um estado:



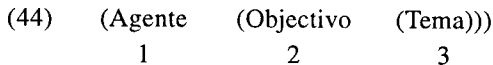
O V *quebrar* tem dois argumentos: x quebrar y; o argumento x é o mais proeminente tanto na estrutura argumental como na estrutura aspectual, porque é ele que é o responsável pela actividade. Logo, *quebrar*, como outros Vs transitivos agentivos, terá a estrutura argumental e aspectual como em (42) (em que os algarismos representam a hierarquia dos argumentos na estrutura aspectual)



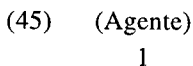
Um V bitransitivo como *to give* em Inglês (recorde-se que um tal V permite uma alternância na expressão dos argumentos, como em (22)) terá a seguinte estrutura, em que não está marcada a hierarquia entre a Meta e o Tema:



Em Português a estrutura de *dar, oferecer* poderia ser a seguinte:



Um V inergativo como *telefonar* teria a seguinte estrutura argumental:



E os Vs inacusativos como *nascer, morrer* seriam analisados como em (46):

(46) ((Tema))
2

Vejam agora a análise que Grimshaw fornece dos Vs psicológicos. É sabido que na classe dos Vs psicológicos há uma diferença entre Vs psicológicos causativos e Vs psicológicos não causativos. Nos primeiros, como *preocupar*, *assustar*, o objecto ou a causa da preocupação ou do susto é normalmente escolhido para sujeito e o experienciador para objecto, como em (47a) (embora não seja impossível a escolha contrária, desde que o objecto ou a causa venham introduzidos por uma preposição adequada (como em (47b)):

- (47) (a) A tempestade preocupou-nos.
(b) Nós ficámos preocupados com a tempestade.

Nos Vs psicológicos não causativos, como *temer*, o experienciador é normalmente escolhido para sujeito, como em (48):

(48) Nós tememos a tempestade.

Pois bem, a autora, em vez de introduzir um papel temático Causa como noutros tratamentos sobre Vs psicológicos, vai propor que a noção de Causa está relacionada com a estrutura aspectual dos Vs. Veja-se a análise de *assustar* / *preocupar*:

(49) *assustar* / *preocupar*: (x (y))
 Exp. Tema
 Causa . . . (dimensão aspectual)

Os dois subtipos de Vs psicológicos são assim descritos:

– Vs psicológicos causativos (*assustar*, *preocupar*):

(50) (Exp. (Tema))
 2 1

– Vs psicológicos de estado, não causativos (*temer*):

(51) (Exp. (Tema))
 1 2

Repare-se que, deste modo, Grimshaw marca já no Léxico não só a Hierarquia Temática mas também a hierarquia numa escala dita aspectual.

Na realidade, as noções de causatividade / não causatividade não deveriam ser confundidas com o aspecto (elas são ontologicamente distintas), embora, como já tenhamos visto em diferentes ocasiões, haja uma aproximação entre esses dois tipos de noções.⁵² Ao marcar com índices (1, 2, 3) os argumentos nessa escala, a autora dá conta da hierarquia na projecção na Sintaxe e não são precisas regras de associação como no modelo de Levin e Rappaport.

Em síntese, em Grimshaw a estrutura argumental e a estrutura aspectual são componentes do significado lexical. E a autora pode então concluir que «a partir do sentido [dos verbos] a estrutura argumental é inevitavelmente derivada e por isso também o comportamento gramatical.»⁵³

2.5. Representações lexicais hierarquizadas – Hale e Keyser 1993⁵⁴

Os autores consideram que a representação da estrutura argumental é ela própria uma Sintaxe; as estruturas lexicais são projecções que exprimem relações estruturais entre um núcleo, as suas projecções categoriais e os seus argumentos, expressos em posições de especificador, se este existir, e de complementos.

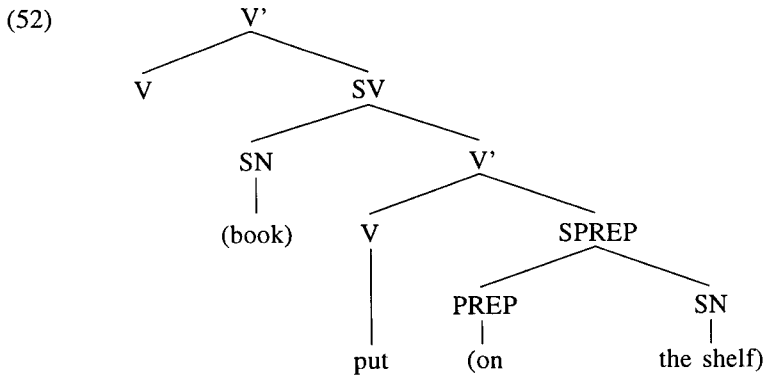
Quer os papéis temáticos quer a Hierarquia Temática são dispensáveis; no que diz respeito aos papéis temáticos, eles podem ser derivados de relações que se estabelecem entre expressões em dada posição estrutural e o SV.

Vejam os como. Os autores partem da ideia clássica de que há uma correspondência entre categorias lexicais e tipos nocionais: entre V e evento, entre N e entidade, entre ADJ e estado, entre PREP e relação.

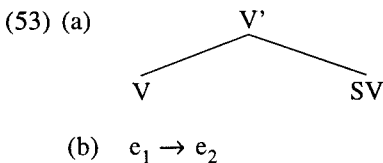
Tomemos em primeiro lugar um V de evento causativo como *to put* em Inglês. Vimos que para alguns autores este V tem uma estrutura lexical conceptual do tipo: *x causar y ficar em z*. Para Hale e Keyser, a representação lexical (LRS) deste (e de qualquer outro V) é ela própria uma

⁵² Para uma crítica do tratamento de Grimshaw dos Vs psicológicos ver VAN VOORST, J. – *The aspectual Semantics of Psychological Verbs*, in «Linguistics and Philosophy», 15, 1992, pp. 65-92; CANÇADO, M. – *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma Semântica Representacional*, Tese de Doutorado, Univ. Estadual de Campinas, 1995, cap. 3.

estrutura hierarquizada que obedece ao requisito de ramificação binária e à noção de projecção não ambígua; a LRS de *to put* é representada a seguir (pelo facto de os argumentos não estarem ainda realizados eles são apresentados entre parêntesis):⁵⁵



Porquê esta LRS? Sendo um V causativo comporta duas posições para V: o V «superior» c-comanda assimetricamente o V «subordinado», núcleo do complemento SV. A relação que se estabelece entre eles é de implicação: o evento matriz implica o evento subordinado, quer dizer, o estado ou a mudança resultante é parte do evento denotado pela estrutura projectada pelo V principal, o que é descrito em (53a), tendo como correspondente semântico a relação em (53b):⁵⁶



Tanto (53a) como (53b) correspondem à LRS do que geralmente é chamado uma relação causal. Nestas circunstâncias, o agente é a relação desempenhada por n em (54):

⁵³ GRIMSHAW, J. – ob. cit., p. 29.

⁵⁴ HALE, K.; KEYSER, S. J. – *On the Argument Structure...*

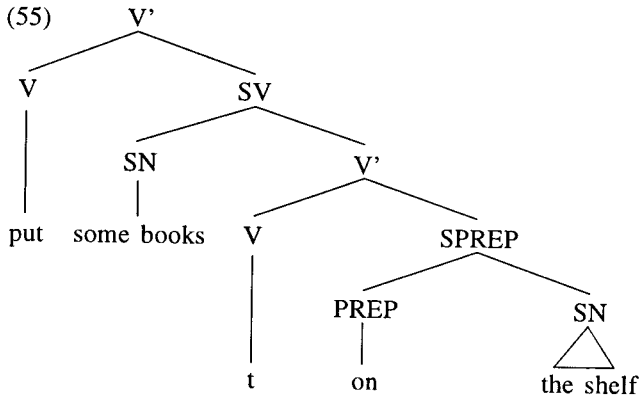
⁵⁵ HALE, K.; KEYSER, S. J. – ob. cit., p. 56.

⁵⁶ Para a apresentação desta e das relações tratadas a seguir, ver em especial, pp. 68-74.

(54) $n > (e_1 \rightarrow e_2)$

Em (54) «n» é o tipo nocional do N que relaciona dois eventos e_1 e e_2 , o que corresponderá ao papel temático de agente.

Como (54) é ainda uma LRS, sobre ela vai operar o movimento do núcleo. Assim, a Estrutura-S de um V' como *to put...* e já com os seus argumentos realizados será a seguinte:



Mas voltemos aos outros argumentos do V; como derivar os papéis temáticos de tema (paciente ou objecto) e de locativo?

Quanto ao SPREP e à interpretação locativa: uma PREP (no exemplo, *on*) significa sempre uma relação (r) entre uma entidade (aqui um LUGAR) com uma entidade (COISA); tal relação é dependente de um V, por isso, pode ser simbolizada como em (56):

(56) $e \rightarrow r$

E o seu significado fundamental é o de «mudança».

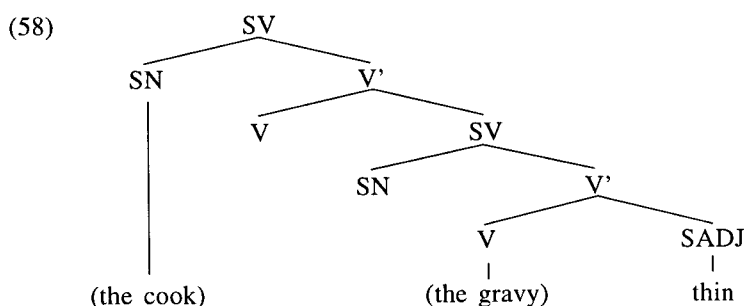
Relativamente ao objecto do V (no exemplo *some books*): ele é aqui concebido como o sujeito de um «predicado de mudança» e a sua posição na LRS é a de especificador do SV «subordinado»; por isso, a expressão semântica do objecto pode ser simbolizada no esquema seguinte:

(57) $n > (e \rightarrow r)$

De novo, o papel temático de tema é derivado de uma relação sintáctica lexical.

Acabámos de ver como para Hale e Keyser são analisados, quanto à estrutura lexical conceptual, Vs causativos e como os papéis temáticos de agente, tema e locativo são derivados de relações sintácticas lexicais.

Vejam agora como são tratados Vs de mudança de estado como *brown* (acastanhar), *clear* (aclerar), *narrow* (estreitecer), etc.. Estes Vs são claramente formados por incorporação de base adjectival. Os autores consideram que a categoria ADJ é precisamente o correlato da noção semântica de estado. Daí a proposta de que na base destes Vs estão LRS do tipo seguinte:



O V superior projecta igualmente uma relação causal: mas enquanto com *to put* o resultado é expresso por um SPREP, aqui há um SAdj. A categoria lexical ADJ é associada à noção de estado (*s*) e a relação semântica associada com a projecção V' é presumivelmente como em (59):

(59) $e \rightarrow s$

(59) indica que uma acção ou um evento implica um estado.

A entidade que sofre esta mudança de estado, aquilo que geralmente se chama o tema, pode ser descrito pelo esquema seguinte:

(60) $n > (e \rightarrow s)$

No artigo, são ainda fornecidas explicações para outros tipos de Vs, nomeadamente para Vs inergativos e verbos ergativos (ou inacusativos) (sendo não causativos, as LRS de ambos os tipos de verbos são mais simples do que as dos Vs causativos, não apresentando um SV «subordinado» de outro V). A ideia é sempre fornecer LRS em que os papéis temáticos são derivados das relações que expressões em posições de especificador e complemento estabelecem com um V.

Tem sido afirmado que há paralelos entre o modelo de Hale e Keyser e a Semântica Gerativa (referida brevemente em 1.4.); se olharmos de novo para a famosa representação semântica de McCawley do *V to kill* em (7), vemos que ela obedece à ideia de que a cada componente semântico ou conceptual corresponde uma dada posição estrutural numa representação hierarquizada. Em Hale e Keyser, para cada LRS há uma estrutura lexical altamente hierarquizada, que tem os seus correlatos semânticos ou nocionais. Mas enquanto para estes autores uma estrutura como (52) é o input de uma estrutura sintáctica (Estrutura-P), em McCawley e na Semântica Gerativa em geral considerava-se que não devia haver estrutura sintáctica. Outra diferença importante: no modelo de Hale e Keyser não há predicados conceptuais elementares; são, por um lado, as relações estruturais entre V e outro SV, caso este exista, ou entre V e SAdj ou entre V e SPREP e, por outro lado, as relações estruturais que se estabelecem entre as expressões em posições de especificador e de complemento com os núcleos verbais que dão origem não só aos vários tipos semânticos de Vs mas também aos papéis temáticos. Portanto, na minha opinião, a aproximação à Semântica Gerativa só remotamente se pode fazer.

Repare-se finalmente que nestes autores é evitada qualquer referência a tipos aspectuais de Vs. E o que é possível constatar é que a diferença entre verbos causativos e não causativos atravessa toda a análise; como já dissemos acima, a noção de causatividade / não causatividade não é idêntica à noção de tipo aspectual, embora haja aproximações: na realidade, os verbos de «accomplishment» são sempre causativos, os Vs de estado, de actividade e de «achievement» são não causativos.

2.6. Os valores aspectuais são dados directamente pelas estruturas sintácticas – Erteschik-Shir & Rapoport 1995⁵⁷

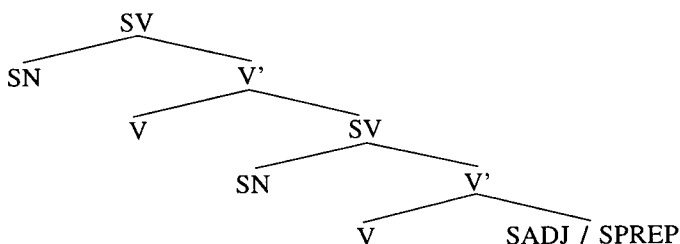
Ora é precisamente em relação a este último ponto que se distingue a proposta de Erteschik-Shir & Rapoport. Partindo crucialmente do modelo de Hale & Keyser, estas autoras defendem que os valores aspectuais dos Vs são dados directamente pelas estruturas sintácticas e que os Vs são

⁵⁷ ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPOPORT, T. R. – *A theory of verbal projection*, in MATOS, G.; MIGUEL, M., DUARTE, I.; FARIA, I. (orgs.) – *Interfaces in Linguistic Theory*, A.P.L./Colibri, 1997, pp. 127-148.

inseridos em estruturas sintáticas apropriadas de acordo com a natureza aspectual e número de argumentos.

Analisando por exemplo a diferença entre Vs de «accomplishment», de «achievement» e de actividade, as autoras consideram que a estrutura sintáctica prévia a movimentos (a Estrutura-P no fundo) de uns e outros é distinta. Assim, um V de «accomplishment» como *destruir*, *derreter* (este último no seu sentido causativo) deve ser inserido em estruturas como a seguinte:

(61) Vs causativos («accomplishment»):⁵⁸



(62) O exército destruiu a cidade.

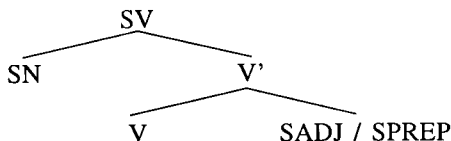
(63) A Maria derreteu o chocolate.

A estrutura (61) corresponde *grosso modo* a: *o exército causou a cidade ficar «destruída»*; *a Maria causou o chocolate ficar «derretido»*.

Este tipo de Vs comporta dois argumentos nominais e um argumento que se pode aproximar de um SAdj ou de um SPREP.

Um «achievement» expresso, por exemplo, pelo V *derreter* mas na construção anti-causativa ou incoativa (*o chocolate derreteu*) diminui em um o número de argumentos e a estrutura é a seguinte:

(64) Vs incoativos («achievement»):

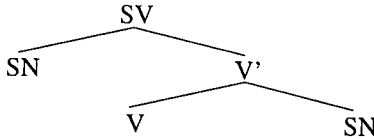


(correspondente a: *o chocolate ficou derretido*)

⁵⁸ Sobre (61), (64) e (65) ver ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPOPORT, T. R. – *ob. cit.*, p. 130.

Por sua vez, um V de actividade (sintacticamente inergativo) obedece à seguinte estrutura:

(65) Vs inergativos (actividade):



Como em Hale e Keyser, as autoras adoptam a ideia de que as categorias que entram nestas estruturas (ADJ, PREP, N e V) estão associadas a noções semânticas particulares; e que as projecções SV estão limitadas a um determinado número de estruturas, correspondentes às classes aspectuais existentes.

Mas diferentemente dos autores estudados anteriormente, consideram que todo o SV projecta uma posição de sujeito e que a sua interpretação é derivada da natureza do predicado com o qual está relacionado. No modelo delineado, o sujeito de um SAdj («achievement») é um tema, o sujeito de um «accomplishment» é um causador, etc.. Portanto, os papéis temáticos são dados pelas relações que o SN projectado na posição superior de especificador de SV mantém com a globalidade da estrutura. Quer dizer, as relações de sujeito-predicado que constituem a base destas estruturas dão a informação temática necessária, sem necessidade de especificar o número e os papéis temáticos dos argumentos dos Vs.

Como comentário a esta análise e também a Hale e Keyser e no estado actual dos estudos sintácticos, não parece justificado que nas estruturas sintácticas apareçam categorias que não chegam a ter realização lexical (como as categorias SAdj / SPREP em Vs de «achievement» ou de «accomplishment»).

Outro comentário relaciona-se com a diferença de número de argumentos entre um V de «accomplishment» e um V de actividade. Se tal acontece com Vs que alternam entre um valor causativo e um valor não causativo, como é o caso de *derreter*, essa perspectiva não explica alternâncias de valor aspectual que têm a ver unicamente com a natureza do objecto do V.

Como tem sido referido amplamente na bibliografia sobre aspecto, um mesmo V pode ter uma leitura de «accomplishment» com um objecto determinado e uma leitura de actividade seguido de um «bare plural» ou de um massivo; é o caso do V *pôr*:

(66) O João pôs os livros na estante numa hora / * durante uma hora.

(67) O João pôs livros na estante durante uma hora / * numa hora.

(68) O João pôs cimento nas paredes durante uma hora / * numa hora.

Em (66) há uma interpretação de «accomplishment»; em (67) e (68) há uma interpretação de actividade, o que é comprovado pelas diferentes possibilidades de combinação com adverbiais durativos e de medição de tempo.

Ora, a diferença de leituras não está aqui relacionada com o número de argumentos. Em ambas as circunstâncias, o V parece ser um V de três argumentos, como se pode comprovar por vários testes⁵⁹. O primeiro teste consiste na possibilidade ou na impossibilidade de construir interrogativas com o V *fazer* e com o Sprep em discussão:

(69) (a) * O que é que ele fez *na estante*?

(b) Foi pôr os livros.

(c) Foi pôr livros.

(69a) é agramatical. Experimentemos um outro teste, com frases clivadas e também com o V *fazer*:

(70) (a) * O que ele fez *na estante* foi pôr os livros.

(b) * O que ele fez *na estante* foi pôr livros.

Da agramaticalidade de (69a), (70a) e (70b) pode concluir-se que o SPREP *na estante* é um terceiro argumento de *pôr*, seja como V de «accomplishment» seja como V de actividade e portanto uma análise como a proposta por Erteschik-Shir & Rapoport 95 nada tem a dizer acerca deste tipo de alternância aspectual.

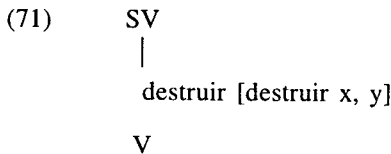
Em conclusão: embora este modelo dê conta, de forma satisfatória, de fenómenos como a alternância causativa / anticausativa com Vs do tipo de *derreter*, porque neste caso há uma conexão forte entre valor aspectual e número de argumentos, ele não consegue dar conta de outras facetas do aspecto, em particular da sua natureza composicional.

⁵⁹ Sobre estes testes ver MATEUS, H. et alii – *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 178-184; DUARTE, I.; BRITO, A. M. – *Sintaxe*, in FARIA, I.; PEDRO, E.; Duarte, I.; GOUVEIA, C. (orgs.) – *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1996, pp. 279-80.

2.7. A categoria funcional SASP – Borer 1996⁶⁰

Borer tem procurado construir um modelo que dê conta da importância do aspecto, mas sem que isso signifique construir entradas lexicais demasiado enriquecidas como nos modelos precedentes. Borer considera que o modelo de gramática proposto por Chomsky na Teoria da Regência e da Ligação é caracterizado por alguma redundância, porque há duplicação de informações entre as entradas lexicais e as estruturas sintáticas. Por isso, tenta construir um modelo mais simples: as entradas lexicais devem indicar apenas o número de argumentos sob a forma de variáveis, sem qualquer hierarquia nem indicação de papéis temáticos. Os argumentos recebem a sua interpretação de outras informações, nomeadamente por serem especificadores de certas categorias aspectuais, nomeadamente por serem «sujeitos de resultado» (SOR) ou por serem «sujeitos de processo» (SOP).

Vejamus a sua análise de um V como *destruir*, um V de «accomplishment»: a única informação relevante na entrada lexical é o número de argumentos, não havendo lugar nem para a distinção entre argumento externo e argumento interno nem para papéis temáticos:



A expressão sintáctica e a realização de argumentos pode fazer-se de acordo com três processos distintos: a) através de movimentos dos argu-

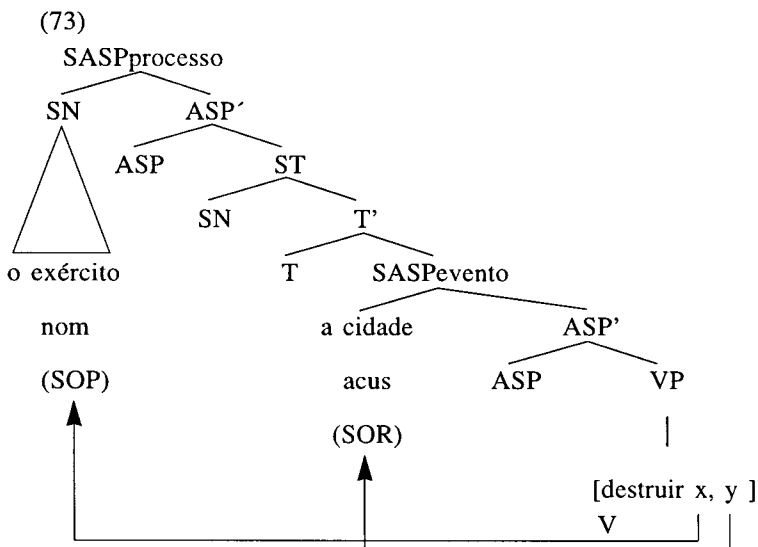
⁶⁰ Por ser um modelo em desenvolvimento é difícil de apresentar a última versão da autora sobre esta problemática. Os textos em que me baseio são: BORER, H. – *Deriving Passive without theta-roles*, in FARRELL, O; LAPOINTE, S. (orgs.) – *Morphological Interfaces*, CSLI, Stanford University; BENUA, L.; BORER, H. – *Passive / Antipassive*, in *a Predicate Based Approach to Argument Structure*, in «Glow Newsletter», 36, 1996, pp. 20-21; BORER, H. – *Functional Projections: at the Interface of acquisition, Morphology and Syntax*, in MATOS, G., MIGUEL, M.; Duarte, I.; FARIA, I. (orgs.) – *Interfaces in Linguistic Theory*, A.P.L./ Ed. Colibri, 1997. Mas nem sempre há coincidência na terminologia utilizada. Como a própria autora reconhece, a sua categoria SASPevento é equivalente à categoria que em CHOMSKY, N. – *Some notes on Economy of Derivation and Representation*, cap. 2 de *The minimalist Program...*, é responsável pela atribuição de caso acusativo, isto é AGROP (Sintagma de Concordância Objecto).

mentos para posições de especificador de categorias funcionais aspectuais ou temporais, onde recebem caso: nominativo na posição de especificador da categoria funcional superior (que pode ser STempo ou SASPprocesso conforme o tipo de V); acusativo na posição de especificador de SASPevento; b) através da inserção de preposições adequadas ao significado lexical do V, permanecendo sob a forma de SPREPs dentro de SV; c) por integração semântica no V, formando predicados complexos.

Vejamos um exemplo do primeiro processo; uma frase com o V *destruir*, como em (72):

(72) O exército destruiu a cidade.

teria a estrutura sintáctica como em (73), em que, por conter um V aspectualmente complexo como todos os Vs de «accomplishment», projecta três categorias funcionais: SASPevento (o que justifica a interpretação de «sujeito do resultado» (SOR), equivalente a tema ou paciente, do SN objecto)⁶¹, ST (Stempo) e ainda SASPprocesso (para justificar a leitura de «sujeito do processo» (SOP), equivalente a agente, causa ou origem, do SN sujeito).⁶²



⁶¹ Ver também a este propósito a apresentação do modelo de Hale e Keyser acima apresentado.

⁶² Em (73) e nas representações seguintes não se assinala o movimento do V para as categorias funcionais superiores.

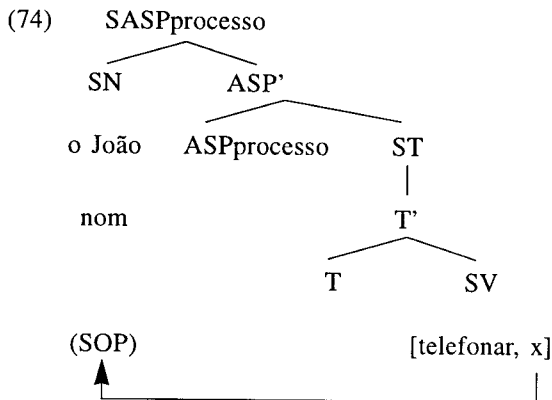
A expressão nominal que se move para especificador de SASPevento recebe caso acusativo e significa «sujeito do resultado», isto é, neste caso, o «destruído». Sendo o «outro argumento» o «destruidor», a «origem do processo», isto é, a interpretação por defeito, ele desloca-se para a posição de especificador da categoria funcional superior, onde recebe caso nominativo.

Repare-se que este modelo tanto pode gerar *a cidade destruiu o exército* como *o exército destruiu a cidade*, porque não há papéis temáticos a distinguir as duas expressões nominais. Se se deslocar o SN *o exército* para a posição de especificador de SASPprocesso produzindo a frase *a cidade destruiu o exército*, a estrutura será filtrada em Forma Lógica (FL) e rejeitada porque a expressão *o exército* não é uma adequada expressão para o «sujeito do resultado». A FL funciona assim como um filtro, sendo «responsável» pela aceitação ou rejeição de estruturas sintácticas.

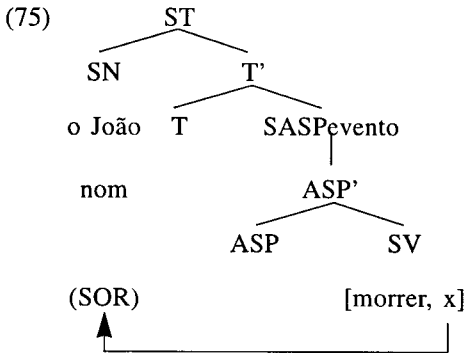
Quanto à segunda estratégia: introdução de Preposições semanticamente relevantes: ela opera em Vs locativos e outros V preposicionais.

A terceira estratégia – incorporação semântica de objectos formando predicados complexos – dá-se com «bare plurals» como objecto, como em *constrói casas, lê livros*, em que, como já vimos acima, esta forma de quantificação contribui para a leitura de actividade ou de processo. Assinale-se que esta última estratégia articula de forma correcta mecanismos sintácticos e valores aspectuais.

Ainda de acordo com Borer, uma frase com um V inergativo, de actividade (como *o João telefonou*), terá a seguinte estrutura sintáctica (em que o único argumento sobe para uma posição onde é acessível ao caso nominativo e onde é interpretado como «sujeito do processo»:



Por sua vez, uma frase com um V inacusativo e com leitura de «achievement» como *o João morreu* terá a seguinte estrutura e o seu único argumento interpretado como «sujeito do resultado»:⁶³



Vemos que, para esta autora, o Aspecto / *aktionsart* é concebido como uma parte relevante do significado dos itens lexicais; mas, enquanto para outros autores, é ao nível das estruturas lexicais conceptuais que tal deve ser tomado em conta, aqui considera-se que existem na estrutura sintáctica categorias com valores aspectuais distintos; sendo categorias funcionais plenas têm um núcleo e uma posição própria de especificador, onde pode ser atribuído caso e que corresponde a uma dada interpretação dos argumentos.

3. Um balanço possível e uma resposta

Tendo apresentado uma síntese do modo como no quadro da Gramática Generativa se têm perspectivado as relações entre Semântica Lexical-Sintaxe, podemos dizer que se encontram aí duas fases distintas; uma em que o programa não estava preparado para articular o Léxico e a Sintaxe (o modelo das *Syntactic Structures* e em grande medida também o modelo dos *Aspects*); outra fase, a partir dos anos 70, em que essa relação é explicitamente assumida, embora em moldes diversos. Pudemos ver que, no que toca esta relação, não há consenso quanto ao modo como o significado

⁶³ Repare-se que Borer usa a designação «ASPeventive» para aquilo que é «achievement», o que parece uma opção terminológica discutível.

lexical determina a forma sintáctica; basicamente, estão em confronto duas ideias: as que fazem dos papéis temáticos que os predicados atribuem aos seus argumentos as informações sintacticamente relevantes e as que consideram que os papéis temáticos não são primitivos, devendo a projecção dos argumentos na Sintaxe ser vista a partir de outras informações presentes ao nível das representações lexicais conceptuais. Nesta segunda proposta, que marca de um modo geral o desenvolvimento das teorias de Semântica Lexical no final dos anos 80 e nos anos 90, «os significados dos verbos são vistos como uma estrutura multidimensional em que os movimentos, as mudanças e outros eventos são representados em estruturas separadas mas articuladas; as regras de associação são sensíveis à posição de um argumento numa configuração particular».⁶⁴

Mas é comum a todos os modelos referidos a ideia de que, de algum modo, o Léxico é «o dicionário da gramática – o repositório de todas as propriedades idiossincráticas e não predizíveis dos itens lexicais individuais» nas palavras de Stowell e Wehrli⁶⁵ e que o significado lexical determina (parcialmente) a Sintaxe.

Quanto à relação entre aspecto / *aktionsart* e estrutura argumental: também aqui não existe concordância de opiniões. Vimos coexistirem actualmente na Gramática Generativa diferentes modos de articular valores aspectuais de Verbos e estrutura argumental:

- os valores aspectuais ou noções com eles relacionadas são dados por representações lexicais enriquecidas, nomeadamente pelas representações lexicais conceptuais através de predicados semânticos elementares (Jackendoff 1983, Zubizarreta 1987, Levin e Rappaport 1988 e 1995) ou por componentes dos eventos (no sentido de Pustejovsky 1991 e Grimshaw 1990);
- os verbos atribuem aos seus argumentos papéis aspectuais (como os de MEDIDA e TÉRMINO) (Tenny 1994);
- as estruturas lexicais conceptuais são concebidas como estruturas sintácticas, exprimindo relações estruturais entre um núcleo, as suas projecções categoriais e os seus argumentos, em posições de espe-

⁶⁴ In GROPEN, J.; PINKER, S.; HOLLANDER, M.; GOLBERG, R. – *Affectdness and direct objects: The role of lexical semantics in the acquisition of verb argument structure*, in «Cognition», 41, 1-3, 1991, p. 154.

⁶⁵ STOWELL, T.; WEHRLI, E. – *Introduction*, in STOWELL, T.; WEHRLI, E. – *Syntax and Semantics...*, p. 1.

cificador, se este existir, e de complementos. Quer os papéis temáticos quer a Hierarquia Temática são dispensáveis; no que diz respeito aos papéis temáticos, eles podem ser derivados de relações que se estabelecem entre expressões em dada posição estrutural e o SV. Recorde-se que neste modelo não se analisam propriamente tipos aspectuais de Vs mas sim Vs causativos versus Vs não causativos (Hale e Keyser 1993);

- os valores aspectuais são dados directamente pelas estruturas sintácticas e os Vs são inseridos em estruturas apropriadas de acordo com o número de argumentos (Ertshick-Shir e Ropoport 1995);
- os valores aspectuais são dados explicitamente nas estruturas sintácticas por meio de uma ou mais categorias aspectuais, SASP evento e SASP processo (Borer 1996).

Tendo feito este percurso por vários tratamentos sobre a relação entre aspecto e estrutura argumental, podemos agora dar uma resposta às perguntas formuladas no início deste texto.

Como se compreende que a discussão sobre o problema do aspecto e sua relação com a estrutura argumental ocupe actualmente um lugar tão importante na Gramática Generativa? Onde e quando é possível encontrar os primeiros sinais de interesse relativamente a este tema?

A resposta é a seguinte: a Gramática Generativa encontra o problema do aspecto e da sua relação com a estrutura argumental numa primeira fase, anterior à Teoria da Regência e da Ligação, quando se percebe que o modelo dos *Aspects* é manifestamente insatisfatório no modo como encara a relação entre forma e significado, o que leva a integrar nas entradas lexicais a noção de predicado semântico elementar (em Jackendoff 1972 e nas suas obras seguintes); numa segunda fase, a partir da Teoria da Regência e da Ligação, a Gramática Generativa pôde pensar o problema do aspecto e da estrutura argumental *ao analisar criticamente as noções de papel temático e de Hierarquia Temática*. A influência directa de semanticistas, nomeadamente dos estudos de Davidson, Vendler, Dowty, Higginbotham, Tenny e outros torna-se por isso possível, dando origem a uma frutuosa colaboração, que tem continuado ao longo da década de 90.

Embora temas como a composicionalidade do aspecto continue a ser um dos maiores desafios que se colocam, parece possível afirmar que as teorias sintácticas aqui referidas, na medida em que foram capazes de colo-

car o problema do aspecto e da sua relação com a estrutura argumental, se encaminham para a sua resolução.

Quatro décadas volvidas sobre o modelo precursor mas manifestamente incipiente das *Syntactic Structures*, a reflexão sobre a relação entre Semântica Lexical e Sintaxe está hoje na ordem do dia na Gramática Gerativa.

Não é fácil prever o que vai acontecer nas próximas décadas, mas há dois sinais marcantes no panorama actual: uma proliferação de teorias e uma colaboração entre especialistas de áreas diferentes, incluindo pesquisas interdisciplinares, que têm reunido linguistas, psicolinguistas, especialistas em Psicologia Cognitiva e em Inteligência Artificial.

O futuro das perspectivas aqui referidas dependerá do modo como forem capazes de analisar temas complexos como alternâncias na expressão de argumentos (passiva / activa, passiva «clássica» / passiva média, construções causativa / anticausativa ou incoativa), alternâncias de valores aspectuais de verbos, a composicionalidade do aspecto (em particular, a contribuição de adverbiais, da determinação e quantificação), etc..

O confronto entre as diferentes perspectivas passará igualmente pelo maneira como relacionarem a linguagem e a cognição, o mesmo é dizer, como se confrontarem com problemas como a aquisição e desenvolvimento da linguagem, a representação do conhecimento linguístico no cérebro humano, o seu processamento e uso.

Retomando designações de Chomsky, podemos dizer que o confronto passará não só pela «adequação descritiva» das teorias mas também pela sua «adequação explicativa».

Ana Maria Brito

Junho de 1998